



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THIAGO ESPÍNDOLA

**FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DO SENHOR JESUS DOS PASSOS EM
FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis

2018

Thiago Espíndola

**FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DO SENHOR JESUS DOS PASSOS EM
FLORIANÓPOLIS**

Trabalho submetido à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em História.

Orientadora: Aline Dias da Silveira.

Florianópolis

2018

Thiago Espíndola

**FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DO SENHOR JESUS DOS PASSOS EM
FLORIANÓPOLIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado, adequado para obtenção do título de licenciado e bacharel em História e aprovado em sua forma final pelo Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de junho de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra.^a Aline Dias da Silveira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Janine Gomes da Silva
Membro
Universidade Federal de Santa Catarina

MSc Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos
Membro
Universidade Federal de Santa Catarina

À minha mãe, por todo o incentivo
e apoio constante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Eliane Espíndola, pelo incentivo, dedicação e afeto.

A minha namorada Daniela Frutuoso, por estar sempre ao meu lado. Sem você, não teria chegado até aqui.

Agradeço a minha orientadora Aline Dias da Silveira pela paciência comigo. Possuo uma grande admiração pelo seu trabalho e me honro de terminar este ciclo tendo você como minha orientadora.

Agradeço a professora Liane Nagel que me ajudou muito em como conduzir e lidar com as entrevistas.

Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação: Adriano de Campos, Osmar Nenevê, Daniel Adenir dos Santos e Matheus Ferreira Machado. Sem dúvidas, amigos para toda a vida.

O prazer do trabalho aperfeiçoa a obra.

Aristóteles.

RESUMO

Em 1994, acontece o terrível incêndio que consome quase por completo as estruturas do Hospital de Caridade, este que tem por anexo a Capela Menino Deus, onde se encontra a imagem do Senhor dos Passos, neste incêndio a imagem acaba por se salvar das chamas milagrosamente. Perante a história de mais de 200 anos da estátua milagrosa foi despertada em mim a vontade de entender a religiosidade em torno do Senhor dos Passos em Florianópolis. Deste modo, foram entrevistadas pessoas envolvidas no incêndio e na história da imagem religiosa. A partir desta fonte oral, foram levantadas questões acerca do imaginário religioso, a visão das pessoas com relação ao incêndio e sobre a identidade da imagem. O objetivo deste trabalho é entender da formação do imaginário religioso dos entrevistados e suas transformações após o incêndio.

Palavras-chave: Imaginário. Senhor dos Passos. Memória.

ABSTRACT

In 1994, the terrible fire that consumes almost completely the structures of the Hospital of Charity, this one that has by annex the Child God Chapel, where is the image of the Lord of the Steps, in this fire the image ends up being saved of the flames miraculously . Before this story of more than 200 years of the miraculous statue, I was awakened in me the desire to understand the religiosity around Lord of the Steps in Florianópolis. In this way, people involved in the fire and in the history of the religious image were interviewed. From this oral source, questions were raised about the religious imaginary, the people's view of the fire and the identity of the image. The objective of this work is an analysis of the formation of the religious imaginary and its transformations after the fire.

Keywords: Imaginary. Lord of the Steps. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A chegada da imagem a Desterro.....	14
I.I- Passos do Santo.....	15
I.II - A imagem como objeto de arte (presença divina).....	17
I.III – Espaço sacralizado e o tempo primordial.....	19
I.IV – Memória e imaginário.....	22
CAPÍTULO II – Lembranças nas cinzas e a memória dos envolvidos.....	24
II.I - O incêndio.....	24
II.II –Os entrevistados.....	25
II.III - Memória sacralizada e a auto proteção do Santo.....	27
II.IV– Considerações finais.....	30
BIBLIOGRAFIA.....	31
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

Desde o começo da graduação detive um verdadeiro fascínio pela pesquisa acerca da imagem do Senhor dos Passos. Desta forma, na escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso, não tive dúvidas de que abordaria a imagem de alguma forma. Por ser natural de Florianópolis e vivendo aqui desde meu nascimento, sempre estive envolto com a mística do Senhor dos Passos, principalmente pelo fato que a aparência visual da imagem sempre me assustou quando criança. Deste modo, fui instigado pelo medo e curiosidade da imagem e seus mistérios. A escolha do tema, não deixa de ter influencia familiar, pois tanto por parte de pai como por parte de mãe, são naturais de Florianópolis e todos muito católicos, por isso, o evento anual da procissão do Senhor dos Passos sempre foi algo próximo e comum em minha vida.

Em 1994, ocorreu um incêndio no Hospital de Caridade de Florianópolis. Nesta época, eu tinha seis anos de idade e lembro que foi algo chocante, por perceber que os adultos estavam apavorados com o ocorrido, sendo algo que paralisou a cidade inteira. Desde então, sempre escutei as duas histórias - a da imagem e a do incêndio – contadas por várias pessoas. Considerado como um fato recente, até hoje, as lembranças do incêndio no Hospital de Caridade estão vivas na memória dos envolvidos.

Um dos desafios encontrados na realização da pesquisa foi o trabalho com história oral, o que, para mim, foi uma forma diferente de estudar a religiosidade. Não foi fácil localizar pessoas dispostas a ceder parte de seu tempo em dar uma entrevista sobre um evento traumático ocorrido há 23 anos. Através do contato com conhecidos, tive a felicidade em conseguir entrevistar algumas pessoas que foram muito solícitas. Não há dúvidas de que uma das pessoas que mais me ajudou e me inseriu nesta história tanto do incêndio, como do hospital, foi minha namorada Daniela. Sua mãe dona Marli (uma das entrevistadas), vem de duas gerações da família que trabalharam no Hospital de Caridade e viveu com muita intensidade os acontecimentos do incêndio.

Trabalhar com história do tempo presente de um evento recente, escutar a narração da história e ver a emoção nos olhos das pessoas foi uma coisa fantástica, para alguém como eu que estava acostumado a estudar eventos ocorridos há séculos durante o curso de História. Fui alertado por algumas pessoas das dificuldades que eu poderia encontrar no campo, não apenas pela sensibilidade e fragilidade do assunto para alguns, mas também por se tratar de um assunto delicado. Determinados indivíduos preferem não ceder seus relatos ou até mesmo ao

encontrar dificuldades na obtenção de alguns materiais sobre o ocorrido, por ser considerado um assunto que deve ser esquecido. Não poderia, também, deixar de citar as peculiaridades dos nativos da ilha¹ que, ao mesmo tempo em que são “fechados” ao contato de desconhecidos, deixam uma ligação entre conhecidos em comum, tornando-se extremamente receptivos a longas conversas.

Deste modo, podemos considerar que essas são sem dúvida questões sobre a pesquisa de uma história recente ainda muito viva na comunidade. As barreiras são impostas não só por se tratar de uma cidade pequena, mas pela dificuldade de trabalhar com a religiosidade das pessoas, há sem dúvida um impasse em deixar claro para as pessoas que o intuito não é questionar a sua fé nem desmerece-la, mas sim de se colocar uma nova perspectiva sobre o assunto, além de também preservá-la e compreender as formas que a religiosidade pode tomar. Quanto à importância e aos cuidados no trato dessas entrevistas de história oral:

É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo. (ALBERTI).²

A implantação efetiva do projeto foi algo desafiador, pois tirar do papel todas as propostas se mostrou algo exaustivo, porém esse foi o trampolim e o norte para não se desviar do caminho, já que na história esses desvios são frequentes. Assim, acredito que se manteve o rumo certo no assunto, mesmo que por vezes, durante as entrevistas, esse rumo das conversas se viu em perigo.

Todas as entrevistas feitas por mim foram depositadas no laboratório de história oral da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ficarão disponíveis para as próximas pesquisas, o que é sem dúvida uma sensação de fazer parte da história, de estar inserido de alguma forma no acontecimento, pelo fato de eu ter conversado com tantos personagens distintos que viram e viveram o incêndio de tantas formas diferentes. Quanto à transformação das entrevistas em fontes documentais, segundo autora Verena Alberti:

Na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizado uma pesquisa, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, as quais se transformarão em documentos, que, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. (ALBERTI).³

¹ O termo “nativos da ilha” refere-se a aqueles que nasceram na ilha de Florianópolis.

² ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. P.157.

³Idem. P.158.

O uso da história oral é uma metodologia importante para dar voz aos esquecidos, aqueles que a história negligenciou. Para que possamos modificar a história construída vista de cima, e proporcionar uma nova perspectiva do assunto.⁴ Tanto a história do hospital e da imagem quase sempre é contada por pessoas que compõe a própria irmandade do Senhor dos Passos ou figuras de prestígio onde a crença e o folclore religioso acabam por passar despercebido nessas narrativas e memórias. Pois, segundo Bloch, podemos considerar que “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”⁵. Assim, com o intuito de um conhecimento mais apurado e crítico, pretende-se observar uma nova visão do incêndio, não da ótica da irmandade, mas sim da visão religiosa das pessoas sobre imagem do Senhor dos Passos e as modificações ocasionadas pelo ocorrido em sua crença e, principalmente, das pessoas comuns.

A problematização deste estudo se dá pelo fato da sacralização de alguns acontecimentos sobre a imagem do Senhor dos Passos, essa que por várias vezes esteve relacionada a acontecimentos onde a imagem se mostrou com vontade própria. Desde sua chegada em 1764 até o incêndio em 1994, onde houve grande repercussão acerca da proteção da imagem em meio às chamas, que consumiram 70% das estruturas do hospital, deixando mortos e feridos. O imaginário a respeito desses acontecimentos é muito rico, e permeia a população de Florianópolis, sendo difícil alguém que não saiba um pouco dessas histórias, assim a imagem hoje se tornou parte do folclore da cidade, mesmo na memória das pessoas que não são religiosas.

Além das entrevistas nesse estudo, também, foi utilizado jornais da época, e uma bibliografia diversa que irá contribuir e dar sustentação a pesquisa. Pretende-se com esse trabalho, abrir um novo leque de possibilidades a respeito do estudo de religiosidade, além de corroborar com a história local. Assim por meio dos relatos, pretende-se perceber a perspectiva da relação imagem/incêndio e suas transformações no imaginário religioso: “O objeto último do historiador das religiões é compreender, e tornar compreensível aos outros, o comportamento do *homo religiosus* e seu universo mental.”(ELIADE).⁶

⁴FERREIRA, Marieta de Moraes. Amado, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 4.

⁵BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2001. P.75.

⁶ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: **A essência das religiões**. São Paulo: Editora Martins fontes, 2013. P. 133.

Assim, o estudo desses acontecimentos nos levará a uma melhor compreensão desse comportamento religioso e seu imaginário. Pois, o cosmos religioso da imagem do Senhor dos Passos e do Hospital de Caridade, seja algo único em toda cristandade, por isso, a relevância dessa pesquisa para um melhor entendimento. Quanto ao critério das entrevistas, de acordo com Alberti:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistados no grupo, do significado de sua experiência. Assim em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI).⁷

Por esse fato não se utilizou de um número maior de entrevistas, para que cada uma tenha o devido zelo e cuidado na sua análise dos relatos. Se trata de uma história com impacto na vida dos entrevistados, algo que mexeu muito com suas vidas e suas memórias. Sendo assim, não foram utilizadas um grande número de entrevistas, com o intuito de utilizar suas histórias como meros gráficos de uma forma fria e matemática, o que seria algo insensível.

Quanto à visão do passado na história dos acontecimentos abordados, o passado acaba por se tornar evidência, pois o passado é uma construção e reinterpretação constante do presente⁸, por isso, existe a dificuldade em se mostrar novas abordagens sobre um assunto que no imaginário social já está consolidado. Assim mesmo, nesse caso, do incêndio de 24 anos atrás, há sem dúvidas o medo do pecado do anacronismo histórico. De acordo com Hobsbawn, “em história, na maioria das vezes, lidamos com sociedades e comunidades para as quais o passado é essencialmente o padrão para o presente⁹” (HOBSBAWN). Deste modo, lidando com esse paradigma e tomando os devidos cuidados, a pesquisa se utiliza de embasamento teórico e metodológico.

⁷ ALBERTI, ibdem. P.40.

⁸LE GOFF, Jaques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013. P.28.

⁹HOBSBAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo, Companhia das letras, 1998. P.22.

CAPÍTULO I: A CHEGADA DA IMAGEM

A história da imagem do Senhor dos Passos tem seu próprio mito fundador. A sua chegada se tornou uma lenda entre os cristãos e demais moradores de Florianópolis, antiga Desterro. Os relatos da chegada são poucos, e são narrados nos livros do memorial da irmandade do Senhor dos Passos:

Nas três frustradas tentativas para entrar na barra do Rio Grande do Sul feitas pela embarcação que transportava uma imagem do Senhor Jesus dos Passos, e nas três consequentes arribadas ao porto de desterro, pareceu visível a vontade divina para que aveneranda encomenda ficasse na cidadezinha sede da capitania de Santa Catarina. E a permanência foi acordada entre o capitão do barco e moradores da terra, pago aquele o feitio da imagem – o feitio, sim, porque a imagem, como coisa sagrada, não podia receber preço. O caso aconteceu no ano de 1764, reinando em Portugal Dom José I, sendo Vice-rei do Brasil o Conde da Cunha, governando a capitania o Coronel Francisco Antônio Cardoso de Meneses e Sousa e sendo Bispo do Rio de Janeiro, com jurisdição em Santa Catarina, Dom Frei Antônio do Desterro. (FONTES).¹⁰

A imagem vinha da região nordeste com destino final na região sul do Brasil. O traslado enfrentou adversidades que foram compreendidas como vontade divina, por se tratar do transporte de algo sagrado. Compreendendo que a imagem interveio por vontade própria de ficar na cidade de Desterro acataram por sua permanência. Em relação a essa transação comercial da imagem não se tem documentação, nem outros relatos sobre o ocorrido, pois muito se perdeu no incêndio de 1994.

Após ser definida a permanência da imagem, ela foi depositada na capela menino Deus, que foi construída pela beata Dona Joana de Gusmão, segundo Cabral:

A matriz estava inconclusa e Da. Joana com a sua capela no Menino Deus já terminada. Não é de duvidar que os homens mais eminentes da pequena Vila, Governador inclusive, que haviam acertado a conservação da imagem do Senhor Jesus dos Passos no Desterro, se tivessem congregado para fundação de uma Irmandade para venerá-la e festeja-la e, depois, trabalhando junto a Beata para que, na pequenina capela, situada na colina, dominando todo o cenário, e cuja subida pela veneranda figura poderia lembrar aos moradores aquela que fez o Salvador a caminho do Gólgota, despertando neles maior piedade e devoção, desse agasalho a imagem.(CABRAL).¹¹

¹⁰FONTES, Henrique da Silva. **A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital, e Aqueles que os Fundaram**. Edição do Autor, Florianópolis, 1965. P. 5.

¹¹CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro** - Notícia II. 1971. P. 160.

Localizada no morro da Boa Vista, a capela do Menino Deus fica em um local estratégico pela vista superior e panorâmica da cidade, algo que ajudou na propagação do folclore da imagem, já que se encontra aos olhos de todos os moradores, colocando-se sempre em foco.

A evidência da vontade da imagem a colocou em destaque fazendo assim a consagração, o que deu origem ao seu culto. Deste modo, podemos entender que a chegada da imagem na cidade é seu mito fundador. Por mito fundador¹² entendemos um acontecimento extraordinário que deu origem a determinado culto, neste caso a adoração da imagem do Senhor dos Passos, outra interpretação de mito inicial é a de modelo exemplar a qual se segue. Esta que não é uma religião específica, pois é um dos muitos cultos dentro da religião católica, e o culto do Senhor dos Passos não é apenas encontrado na cidade de Florianópolis e sim em várias regiões do Brasil e inclusive em outros países. Porém, os acontecimentos envolvendo esta imagem em específico cria uma peculiaridade que a destaca de todos os outros cultos, pois esses acontecimentos são únicos e exclusivos desta imagem e da cidade de Florianópolis.

Portanto, partir da legitimação da intervenção divina interpretada como vontade da imagem em permanecer na cidade, todo e qualquer acontecimento relacionado ao Senhor dos Passos se torna assim parte do seu cosmos religioso. Podemos dizer que dentro da cristandade é possível observar um micro e macro cosmo religioso.

I.I - Passos do Santo

A imagem do Senhor dos Passos é a representação de Jesus Cristo no caminho da crucificação (calvário), ela é entalhada em madeira e tem características de uma pessoa viva, como tamanho, cabelo, roupas e, como sua principal peculiaridade, temos a sua expressão facial que refletem o realismo barroco.

Existem, sem dúvida, inúmeras imagens do Senhor Jesus dos Passos por todo Brasil, mas talvez nenhuma tem tanta complexidade como a que se encontra no Hospital de Caridade de Florianópolis.

A imagem tem a compleição de homem muito alto e representa Nosso Senhor Jesus Cristo num dos seus Passos, no caminho do Calvário, certamente na primeira queda. Com o joelho esquerdo posto no chão,

¹² ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2013. P.25.

trajando túnica de tecido roxo, que lhe deixa ver os pés, suportando no ombro esquerdo grossa cruz que as duas mãos seguram, cingidos os cabelos longos e verdadeiros por uma coroa de espinhos, manifesta no rosto, em que escorre suor de sangue, profunda angústia, parecendo fitar os olhos nos de quem para eles levante os seus. É assim que hoje se apresenta a imagem. Reza, porém, a tradição, – e o exame da estrutura a confirma, – que, primitivamente, movia a cabeça, os olhos e a língua, o que lhe aumentava a semelhança com um homem vivo, mas tão atemorizadora a fazia, que foi aconselhável travar-lhe tais movimentos.(FONTES).¹³

O folclore envolto a imagem se dá principalmente por suas características marcantes como seu tamanho e fisionomia que assustam e atraem a curiosidade das pessoas, talvez por esse fato seja atribuído à imagem tantos acontecimentos como curas e a sua própria vontade de permanecer na cidade. Segundo a representação bíblica da imagem, a imagem, que bem representa “o homem das dores”, da visão do profeta Isaías, “experimentado nos sofrimentos” “castigado por nossos crimes e esmagado por nossas iniquidades”, suscitou a organização de uma confraria: A Irmandade do Senhor dos Passos.¹⁴

Muitos devotos se referem ao Senhor dos Passos como um santo, algo que é certo, já que ele representa para os cristãos o messias Jesus Cristo, filho de Deus enviado para salvar os homens de seus pecados. Essa referência, como Santo se dá pela fisionomia da imagem, que mostra uma figura pálida com expressão de dor e sofrimento, com aparência diferente da imagem que Jesus Cristo frequentemente costuma ser retratado. Assim, por este fato, a imagem tem uma dupla personalidade, e assim um duplo sentido, para uma parcela da comunidade cristã ele é apenas um santo comum como tantos que existem no panteão cristão, e para outros mais atentos ele representa Jesus Cristo. Referente a essa questão da identidade podemos dizer que a imagem é mais vista como um Santo do que como o próprio messias que ela representa. Segundo Ginzburg, podemos afirmar,

Que imagem de Jesus – a que mudou a história do mundo – era profundamente impregnada da identificação com o “servo de Deus” do Deutoro-Isaias, é absolutamente certo. Igualmente certo é que essa identificação foi compartilhada pelos redatores dos evangelhos.¹⁵

A narrativa bíblica da imagem de Jesus que mais se expressa nas artes sacras é Jesus crucificado. Esta que sem dúvida está impregnada nas raízes do imaginário cristão pelo fato

¹³FONTES, Ibidem. P. 5.

¹⁴PEREIRA, Nereu do Vale(Org.). **Memorial Histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos**. Florianópolis, Editora: Ministério da Cultura, 1997. P. 21.

¹⁵GINZBURG, Carlos. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Editora Companhia brasileira de letras, 2001. P. 110.

de ser a mais usada nos templos religiosos. Talvez se encontre essa diferença de interpretação na comunidade leiga cristã que muitas vezes transita entre várias religiões, como é visto na procissão do Senhor dos Passos que reúne pessoas de vários credos, pois a mesma já se tornou algo que transcende a religiosidade para alguns e acaba por se tratar de um fenômeno popular da cidade. Esse fenômeno da dualidade da personalidade da imagem do Senhor dos Passos entre messias e santo pode ser percebida nas entrevistas feitas para este trabalho, onde em nenhum momento durante as quatro entrevistas os entrevistados se referiram a imagem como Jesus e sim como apenas Senhor dos Passos. Esta personalidade folclórica de Santo é também um fenômeno único que apenas é encontrado neste culto, esse fato já é algo muito sólido no imaginário religioso local.

I.II - A Imagem como Objeto de Arte

A imagem do Senhor dos Passos, além de sua importância espiritual e religiosa, tem grande relevância como obra de arte sacra, pois foi concebida durante o período artístico brasileiro denominado barroco. Pela sua importância como objeto de arte seria negligência trabalhar sobre a imagem e seu imaginário que é o foco deste trabalho e omitir em abordar o tema da imagem como arte, por isso destinei esse breve relato para trabalhar a obra, seu autor e o período artístico. Porém, devemos partir do pensamento das imagens religiosas como sua real função, segundo Jean-Claude Schimid: “Primeiramente, elas tem função de instrução (aedificatio, instructio, addiscere) especialmente para os iletrados; vendo as imagens, eles poderão compreender (intendere) a história sacra (historia).”¹⁶ Dessa forma, tanto as imagens como quadros tem como fundamento serem didáticas e ilustrativas das passagens do cristianismo, a partir disso vemos uma variedade e uma transformação das formas como são representadas ao longo do tempo. Uma das características do catolicismo é sua diversidade iconográfica, principalmente nas formas como é representado Jesus Cristo em todas as narrativas bíblicas.

A riqueza iconográfica e as características das imagens religiosas refletem o lugar que cada comunidade religiosa concede as imagens. Os cristãos investiram amplamente nas imagens, diferentemente de Judeus e

¹⁶ SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo Da imagens: ensaios sobre a cultura visual na idade média.** Bauru, SP: EDUSC, 2007. Página 60.

mulçumanos que as rejeitaram em função da interdição contida no antigo testamento.(VISALLI).¹⁷

No Brasil do século XVII, figurou um tipo de expressão plástica que ficou conhecido como barroco. Esse movimento artístico foi fruto da aproximação de associações leigas com ordens religiosas, e de mão de obra predominantemente africana que junto com a descoberta de ouro em várias partes da colônia fez florescer uma demanda por obras sacras requintadas. Segundo Etzel:

O barroco foi como um fogo-fátuo: surgiu, brilhou e decaiu. Teve surtos muito ricos em determinadas regiões. Foi modestíssimo em muitas outras. Existiu em todas. Pode-se sentir que o “fluido” que criou teve consistência variável no vasto território da colônia. Mas onde quer que tenha surgido, foi sempre a expressão de algo grande, importante e ambicioso. Poderíamos mesmo pensar que representou um ideal de perfeição e da mais alta aspiração.(ETZEL).¹⁸

Deste modo, o barroco foi a representação de um momento de ascensão econômica da colônia, do qual refletiu na espiritualidade das pessoas, desde adornos nas igrejas até nas imagens religiosas. Esse período teve como destaque grandes artistas como Aleijadinho e Francisco das Chagas autor da obra do Senhor Jesus dos Passos a qual este trabalho está voltado.

Esta figura de tão dolorosa e impressionante beleza e de tão perfeita execução viera da Bahia e, ao que se supõe, é do cinzel de Francisco das Chagas, homem de cor, alcunhado “o cabra”, de quem há na cidade de Salvador, esculturas sacras comparáveis com o Senhor dos Passos que veio a ficar em Santa Catarina.(FONTES).¹⁹

Francisco das Chagas, autor da imagem do Senhor dos Passos, é um artista muito conhecido na Bahia, com muitas obras e de extrema importância para as artes plásticas brasileira no barroco. Sobre a origem do artista:

Que possuía o apelido de “cabra” mostra ter sido filho de um mulato e de uma negra oi vice-versa; daí tirar conclusão de ele ter nascido na Bahia não é segura e certa, pois muitos negros sudaneses que vieram da África eram mulatos. E que tinha tantos recalques psicológicos, mostra ter sido escravo

¹⁷VISALLI, Angelita Marques. **Imagens religiosas**. Universidade Estadual de Londrina, 2014. Página 41.

¹⁸ETZEL, Eduardo. O barroco no Brasil: **psicologia e remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

¹⁹FONTES, Ibidem. Página. 6.

na juventude e de uma mulher escravocrata que andava de chicote na mão e não perdoava nada aos seus escravos.(OTT).²⁰

Esses fatos de Francisco das Chagas são pouco conhecidos pelos fiéis da imagem do Senhor dos Passos. A importância artística da imagem de certo modo se mostra negligenciada e ofuscada pelo imaginário religioso que se construiu ao redor da imagem, pois nenhum dos entrevistados relatou a imagem como objeto de arte ou de conhecimento de seu autor.

I.III – Espaço Sacralizado e o Tempo Primordial

O Hospital de Caridade de Florianópolis é um advento da chegada da imagem do Senhor dos Passos. Por causa da imagem foi fundada a irmandade, com sede anexa à capela Menino Deus, construída pela beata Joana de Gusmão, e, posteriormente se deu início ao hospital que funciona até os dias de hoje.

Segundo Megale, quanto à da devoção de santos populares:

O povo em geral possui devoções próprias derivadas de tradições herdadas de seus antepassados ou agregadas ao culto conforme as necessidades de cada época. Os mais venerados são os padroeiros das cidades, das profissões ou aqueles que propiciam a cura das doenças comuns nas populações interioranas, competindo com os profissionais da saúde.(MEGALE).²¹

O fato do espaço religioso onde se encontra a imagem do Senhor dos Passos se situar dentro de um hospital, acarreta uma sacralização de toda estrutura física do ambiente, esse fato corrobora com a devoção e imaginário do culto ao Senhor dos Passos. Por ser toda a estrutura anexa ao hospital e à capela, isso propicia que todo e qualquer acontecimento dentro desse espaço, que tenha ou não explicação, principalmente se os envolvidos forem religiosos, terão uma conotação sacralizada, ou seja, pode-se ser atribuído como cura ou milagre ao Santo. Assim, todo o espaço do hospital está profundamente sacralizado no imaginário religioso.

Existe, portanto, um acontecimento religioso similar ao da chegada da imagem em Desterro, esse caso aconteceu em 1654 em Recife com uma imagem do Senhor dos Passos:

²⁰OTT, Carlos. **História das artes plásticas na Bahia** (1550-1900). Bahia: Alfa gráfica editora, s/d. página. 45.

²¹MEGALE, Nilza Botelho. O livro de ouro dos santos: **vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2009. Página. 8.

Súbito, pancadas fortes e repetidas ferem o silêncio da portaria do Convento do Carmo do Recife, acordando o leigo, em sobressalto. Sonolento abre a portinhola e ao clarão de um relâmpago pode reconhecer no tresnoitado visitante a figura de um pobre velhinho, tremulo e friorento, que pedia agasalho para aquela noite de chuva. Aborreceu-se o porteiro, julgando-o um vagabundo e ordenou-lhe que fosse mendigar, adiante. Dirigiu-se então, o pedinte para a Igreja do Corpo Santo. E acolhido carinhosamente, ali pernitoou no interior do próprio templo. Ao amanhecer foi procura-lo, antes da primeira missa da madrugada, o mesmo vigia que lhe houvera dado abrigo e qual não foi sua admiração ao encontrar, em lugar de um mendigo maltrapilho, uma imponente imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos. Espalhou-se a notícia do milagre.(PIO).²²

Essa história faz parte do folclore religioso de Recife e é anterior a história da chegada da imagem do escultor Francisco das Chagas a Desterro. Ambas são imagens que representam Jesus nos passos do calvário e possivelmente a primeira possa ter influenciado a elaboração da segunda. O local da aparição da imagem em Recife foi uma igreja, espaço santo propício aos acontecimentos divinos. Assim, os dois acontecimentos tem este fato em comum, pois em 1994 no incêndio a imagem foi atribuída a um acontecimento sem explicação.

Outro fenômeno de sacralização de espaço é o trajeto da procissão do Senhor dos Passos que acontece no mês de abril, onde é organizada pela irmandade do Senhor dos Passos. Ao redor da imagem ficam as pessoas de maior destaque, como prefeito, governador, deputados, vereadores, empresários e outras figuras ilustres. A irmandade mantém uma característica elitista no seu corpo de membros desde a sua fundação.

Durante o trajeto, o santo é carregado em andor por homens, normalmente pertencentes a irmandade e autoridades convidadas, e ocorre a Via Sacra, paradas ao longo do percurso, quando são declamadas orações. O ponto forte da procissão é o momento do encontro entre o Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, também em procissão, conduzida pelas mulheres por outro percurso. Neste momento o ocorre a prática e a Verônica entoia seu canto, ainda em latim.(FARIAS).²³

O trajeto percorrido pela imagem na procissão remete a um retorno ao tempo sagrado da chegada da imagem na cidade. Neste momento houve a formação do mito teogônico do Senhor dos Passos, onde ele demonstrou sua primeira vontade, a da permanência na cidadezinha.

²²PIO, Fernando. **Imagens, arte sacra e outras histórias**. Recife: Edição do Museu Franciscano de arte sacra, 1977. Página. 61.

²³FARIAS, Vilson Francisco de. **De Portugal ao sul do Brasil – 500 Anos – História, Cultura e Turismo**. Florianópolis: Ed. Do autor, 2001.

Segundo Eliade, “assim, periodicamente, o homem religioso torna-se contemporâneo dos deuses, na medida em que reatualiza o tempo primordial no qual se realizaram as obras divinas.”²⁴A procissão feita anualmente faz essa referência ao retorno ao tempo primordial do mito da chegada da imagem, assim o espaço religioso se abrange ao percurso da procissão já que este foi o caminho feito pela imagem na sua chegada. Quanto a esse comportamento:

O homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana.²⁵

Esse acontecimento no calendário religioso da cidade faz parte de um ritual cíclico que tem por intuito a renovação da crença e o contato do fiel com o tempo sagrado onde aconteceu a manifestação do sagrado, assim se tem uma renovação da fé. Deste modo, tanto a estrutura sacralizada do hospital quanto as festividades da procissão e sua menção ao tempo primordial, fazem parte do cosmo religioso da crença na imagem e são de suma importância para ter uma compreensão da religiosidade em torno da imagem do Senhor dos Passos. Sobre o entendimento do tempo da festividade, Da Mata afirma que “o tempo da festa se distingue por constituir uma espécie de nódulo, de adensamento, do foco quantitativamente distinto e superior”²⁶.

Dessa forma, pode-se compreender esse período da festividade que infere além da renovação da fé, como também um período temporal onde se concentra a religiosidade num determinado dia.

Segundo Sergio da Mata, tempo e espaço religioso não se pode ser concebido separadamente, pois a concepção de espaço corresponde à representação do tempo. Também a construção da ideia de espaço religioso comporta vários níveis de sacralidade como envolta da estrutura onde tanto o ar, tempo e espaço geográfico demonstram uma realidade diferente das estruturas diferenciando o espaço sagrado e profano.

É notado, desde acontecimento do incêndio, um aumento significativo no número de fiéis na procissão. Nos últimos anos, esse número tem oscilado entre 30 a 60 mil pessoas segundo matérias de jornal²⁷. Pode-se interpretar que o incêndio trouxe uma visível renovação colocando a crença na imagem em destaque.

²⁴ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: **A essência das religiões**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013. P.78.

²⁵ Ibidem, p.79.

²⁶ DA MATA, Sérgio. **O espaço da religião**. Caminhos, v.4,n.1,p.31-47. Goiânia, jan-jun 2006 P.38.

²⁷ Matéria do jornal Notícias do dia de segunda feira dezoito de março de 2018 (ver em anexo dois).

I.IV – Memória e Imaginário

Toda a história da imagem, seja da chegada ou do incêndio, é algo que é construído por uma memória coletiva das pessoas, essa memória se tornou folclore²⁸ e é passada oralmente por gerações, e acaba por se transformar de certa maneira em um fato incontestável. Dessa forma, precisamos, primeiramente, uma definição elaborada do que pode ser e como se constrói o imaginário²⁹ folclórico.

“Imaginário é aquilo que pertence ao domínio da imaginação. É a reunião de elementos pertencentes ou característicos do folclore, da vida, seja de um grupo de pessoas, um povo ou uma nação.”³⁰

Assim, segundo José Carlos Pereira definição de imaginário está ligada às características do folclore, pode-se concluir que o folclore e imaginário estão intimamente ligados e que pode ou não ser correspondido à religiosidade, assim corroborasse com a história local todo indivíduo que contribui para a propagação da memória coletiva, sendo este ou não um ser religioso pertencente à localidade. Folclore está relacionado com a propagação de costumes, tradições e lendas pela oralidade. Desta forma, o cosmo religioso da imagem do Senhor dos Passos não corresponde mais apenas ao Hospital de Caridade, e sim a toda comunidade de Florianópolis. Outra definição de imaginário, segundo autora Aline Dias da Silveira: “De minha parte, considero o imaginário a reunião de elementos mentais coletivos que surgem da necessidade humana de explicar o mundo, de dar uma ordem ao caos, de opor e reunir princípios.”³¹

Assim, esses acontecimentos são sacralizados e se tornam parte do imaginário folclórico da sociedade, eles são atribuídos ao sagrado neste caso por se tratar de um totem³² simbólico do cristianismo, ou seja, a imagem de Jesus Cristo. Essa relação entre religião e sociedade está atrelada desde os primórdios do homem, ela tenta dar sentido e explicação aos acontecimentos humanos. Segundo Freud, a busca por sentido do homem levou à descoberta

²⁸ Compreende-se folclore segundo dicionário <https://www.dicio.com.br/folclore/> : Reunião das expressões culturais, artísticas, dos costumes e tradições de um povo que, através da tradição oral, são preservadas e passadas de uma geração para outra; populário.

²⁹ Compreende-se o termo imaginário como sendo aquilo que está ligado a imaginação.

³⁰ PEREIRA, José Carlos. *Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005. P.30.

³¹ SILVEIRA, Aline Dias da. *O pacto das fadas na Idade média Ibérica*. São Paulo: Annabluma, 2013. P.94.

³² Compreende-se totem segundo Freud(2015, p.159) como um objeto material a qual o homem presta um respeito supersticioso onde existe uma relação de proteção.

das ideias da alma, também chamado de animismo³³, sendo esse possivelmente o primeiro estágio do homem religioso. Porém, não somente a busca por sentido define o homem religioso, mas também a necessidade de respostas aos acontecimentos do seu mundo. “Resumindo, podemos dizer: o princípio que rege a magia, a técnica do modo animista de pensar, é o da onipotência dos pensamentos.”³⁴

O poder coletivo, que a fé coloca sob a imagem, traz aos devotos uma relação de confiança nos poderes da imagem, são inúmeros os casos de idolatria³⁵ similares ao caso do Senhor dos Passos.

³³FREUD, Sigmund. Totem e tabu: **Algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.p.126.

³⁴Idem.p.139.

³⁵ Compreende-se o termo idolatria como: culto que se presta a ídolos. Amor excessivo, admiração exagerada.

CAPÍTULO II: LEMBRANÇAS NAS CINZAS E A MEMÓRIA DOS ENVOLVIDOS

II.1 - O incêndio

Em 1994, irrompeu o terrível incêndio que consumiu quase que todo o Hospital de Caridade de Florianópolis, sendo um dos maiores incêndios registrados na cidade até então. A nomenclatura “o sinistro” foi dada por Nereu do Vale Pereira membro da irmandade do Senhor dos Passos e organizador de um livro sobre a história do hospital. Segundo relato:

Este livro de atas está sendo aberto dia seis de abril de 1994 (mil, novecentos e noventa e quatro), para marcar uma nova fase de vida da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos em decorrência do fato de que na noite do dia cinco para o dia seis ter sido, o hospital de caridade, atingido por um fatídico incêndio, catástrofe das maiores no gênero já registrada em nossa capital, Florianópolis, antiga Nossa Senhora do Desterro, em todos os tempos.(PEREIRA).³⁶

Esta data marca uma ruptura na história do hospital, da imagem e da cidade, onde uma forte comoção assolou a sociedade para a reconstrução da estrutura do hospital, segundo relatos dos entrevistados o choque do acontecimento é algo imensurável e aterrorizador.

Segundo professor Nereu do Vale Pereira, que ocupava o cargo de tesoureiro adjunto na data do incêndio: “O fogo era fenomenal, horrível, dantesco e iluminava chocantemente, do alto do morro da Boa Vista, toda cidade que constricta da presenciava, com estupor o sinistro.”³⁷ Porém, esse terrível acontecimento é um marco na história religiosa sobre o culto da imagem.

A imagem como na sua chegada mostra sua vontade divina com a alta defesa e a preservação das chamas do incêndio. Nesse acontecimento, vemos claramente um duelo de forças entre o bem e o mal na concepção religiosa, o mal representado pelo fogo e o bem pela intervenção divina da imagem que se mostra mais forte que as chamas, bem como da força das pessoas na reconstrução do hospital. Essa possível disputa criada no imaginário religioso local cria uma justificativa ao início das chamas de que irrompeu por acontecimento nefasto como acontecimento sobrenatural, segundo explicação cristã sobre a questão sobrenatural do

³⁶PEREIRA, Nereu do Vale org. **Memorial histórico da irmandade do Senhor Jesus dos Passos** volume II. Florianópolis: ministério da cultura, 1998. P. 321.

³⁷ PEREIRA, Nereu do Vale org. **Memorial histórico da irmandade do Senhor Jesus dos Passos** volume II. Florianópolis: ministério da cultura, 1998. P. 321.

ocorrido: “A igreja não negava que a ação sobrenatural fosse possível, mas enfatizava que tal ação só poderia emanar de duas fontes possíveis: Deus ou Diabo.”³⁸

Deste modo, essa teoria justificável da luta de força eterna entre bem e o mal foi recebida pelas pessoas mais receptíveis ao credo religioso. Esse acontecimento foi incluído no imaginário do Senhor dos Passos sendo atribuído como feito divino da mesma como resposta as chamas do sinistro. O fato das chamas serem impedidas por manifestação divina de alcançar o Senhor dos Passos acabou por sobrepujando o início do incêndio que até hoje não foi conclusivo.

II.II – Os Entrevistados

Como já citado, foram produzidas quatro entrevistas ao longo da pesquisa, somado a matéria televisiva sobre o incêndio que foi utilizado com o intuito de agregar ao trabalho. Todas estarão na íntegra nos anexos deste. Desta forma, traçarei um panorama geral neste tópico sobre os entrevistados.

Sobre as entrevistas produzidas, os participantes possuem entre 44 e 63 anos de idade e são moradores da grande Florianópolis, onde $\frac{3}{4}$ das quatro pessoas declararam católicos e dentre esses, apenas dois se manifestaram como devotos do Senhor dos Passos. Todos os declarados católicos se referiram à imagem ou como “santo” ou como “Senhor dos Passos”. Nenhum fez menção à imagem como sendo de Jesus Cristo, isso reforça a teoria de uma criação da personalidade própria, individual e local da imagem separadamente da visão de Jesus Cristo da Bíblia.

Referente à história da chegada da imagem na cidade, todos os entrevistados souberam mencionar total ou parcialmente os fatos, é claro, a existência de uma propagação dessa história de uma forma oral e coletiva, os acontecimentos da chegada da imagem são relatados inclusive com a entrevistada não declarada católica. Sobre a relação dos entrevistados com o complexo do Hospital de Caridade, três foram funcionários e uma pessoa esteve internada no mesmo que posteriormente veio a ser um dos bombeiros ao atendimento do incêndio no ano de 1994.

³⁸THOMAS, Keith. **Religião e declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII.** São Paulo: Companhia das letras, 1991. Pág. 215.

Quanto à representação da imagem para os entrevistados, as declaradas devotas da imagem usaram as mesmas palavras “fé” e “esperança”, isso demonstra uma profunda resiliência por parte dos devotos. Como entrevistador, tento ser imparcial e não deixar meu credo influenciar tanto nas entrevistas feitas como neste trabalho, porém foi claro o sentimento de que com o incêndio ocorrido os devotos após o choque e o abalo inicial da notícia do incêndio, não se desacreditaram de que a instituição do hospital seria retomada, mostrando uma grande força por parte destes sem desistir. É possível acreditar que essa esperança se deu graças ao suposto milagre da autopreservação da imagem. Talvez se não houvesse esse ocorrido com a imagem, a reconstrução do complexo não seria concluída, dessa forma a religião teve papel fundamental. Sobre a reconstrução do hospital, vale salientar que além da ajuda do estado e prefeitura foram inúmeras as doações tanto dos próprios funcionários como da comunidade.

De fato, propositalmente, procurou-se pessoas relacionadas com o evento, e com relatos que intencionalmente vão divergir em alguns pontos, isso para que se possa traçar um amplo mapa de opiniões, não sendo tendencioso e expondo essas divergências de forma positiva para corroborar a discussão. Entre eles, como já citado, o bombeiro Jusinei, que trabalhou no combate do incêndio tendo visto a capela em chamas *in loco*, e a médica Ada que tem uma longa trajetória junto com a instituição do hospital e que se declara agnóstica, tem uma visão não sacralizada e traça uma perspectiva diferente dos outros trazendo informações antes não citadas. Já dona Marli traz uma visão dos acontecimentos muito ligada a sua religiosidade, já que a mesma tem, também, uma longa relação com o hospital e a irmandade, a entrevistada Rita tem o mesmo perfil arraigado tanto à instituição quanto a irmandade.

Já a entrevista utilizada da matéria televisiva³⁹ foi feita no dia 4 de abril de 2014 pelo jornal Diário Catarinense, onde são entrevistados o senhor João Guedes e o senhor Sebastião, que eram moradores das proximidades do hospital que auxiliaram tanto na retirada da imagem do Senhor dos Passos da igreja em chamas como dos pacientes do hospital, estando também transcrita e anexada ao trabalho.

³⁹<http://videos.clicrbs.com.br/sc/diariocatarinense/video/diario-catarinense/2014/04/guardioes-imagem/71898/>. Acesso em: 31 de março de 2018.

II.III - Memória Sacralizada e a Auto Proteção do Santo

Até a presente data a causa do incêndio ocorrido em 1994 é inconclusiva. Há muitos rumores sobre sobrecarga de energia, instalações elétricas antigas, entre outros fatores. O fato sobre o incêndio que mais se popularizou foram as chamas na Capela Menino Deus, onde se encontrava a imagem do Senhor Jesus dos Passos.

Havia poucos dias que as festividades da procissão haviam terminado, segundo relato de entrevista de Rita: “Tinha acabado de acontecer a procissão naquela semana. Foi em seguida. E a imagem ainda estava em baixo.”⁴⁰ Essa fala indica, talvez, que a imagem, por estar “em baixo”, estava mais suscetível as chamas. Contudo, no relato de outra entrevistada: “A imagem do Senhor dos Passos estava em uma urna de vidro. Então, estouraria e ainda sim demoraria pra pegar fogo. Ela estava muito protegida, então, por isso, ela não pegou fogo.”⁴¹

É interessante analisar sobre a discrepância nestes relatos, onde as duas entrevistadas não estavam no momento exato do incêndio, mas, estavam presentes no cotidiano do hospital horas antes do mesmo. Também a de se levar em consideração de que a senhora Ada não se declara religiosa nem devota do Senhor dos Passos, diferente da senhora Rita (o fato da urna de vidro não foi relatado por mais nenhum entrevistado). No anexo A deste trabalho, pode-se observar a cena das pessoas carregando a imagem para fora da capela. Não é possível identificar se a imagem está em uma urna ou não, porém, consegue-se ter uma noção das tamanho/dimensões da imagem religiosa. Assim, estes relatos abrem uma possibilidade sobre a existência do vidro, sendo que a sua não existência corroboraria com a mitificação da imagem, e a sua existência talvez entrasse como uma possível causa da imagem não ser consumida pelas chamas. Devemos também perceber que o fato ocorreu a mais de vinte anos e que por mais devastador que seja a memória do ocorrido, pode acabar por influenciar nos fatos históricos, já que tantos anos após as memórias⁴² já passaram por uma reflexão. Como coloca Le Goff: A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.⁴³

⁴⁰ PERUCHI, Rita. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. Florianópolis, 21 de abril de 2017.

⁴¹ VIEIRA, Ada. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. Florianópolis, 12 de maio de 2017.

⁴² Significado de memória segundo dicionário: <https://www.dicio.com.br/memoria/> “Faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. Efeito da faculdade de lembrar; a própria lembrança.”

⁴³ LE GOFF, Jaques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013. Pág., 387.

Desta forma, segundo Le Goff, podemos constatar dois tipos de memória: a histórica e a social. Como memória histórica, pode-se compreender os fatos como ocorreram e a social como uma memória coletiva paralela à histórica.

Quanto ao relato dos entrevistados com relação à elucidação acerca do evento do fogo na capela, o consenso é a falta de explicação. Todos recorrem ao não entendimento do ocorrido e nessa forma se pauta a questão religiosa que traz uma solução ao acontecimento como milagre.

Segundo relato de dona Marli sobre o incêndio: “É um santo que é considerado poderoso, né. Todo mundo tem fé nele, e é um santo que realmente faz milagre, né. Ele tem poder.”⁴⁴

Neste trecho, vemos a denominação de “santo” conforme já foi mencionado anteriormente sobre a identidade da imagem, e, também, a referência ao poder que a imagem representa dito como poderoso e milagreiro, trazendo uma menção de que a imagem é incorruptível já que sobreviveu as chamas.

Sobre a pergunta feita aos entrevistados sobre o incêndio na capela, ³/₄ descrevem como algo sobrenatural: “Queimou parte da capela e a imagem protegeu, então as pessoas acreditaram mais ainda que o Senhor dos Passos é milagroso.”⁴⁵

Mesmo a entrevistada Ada que não se declara religiosa e que traz uma visão mais cética do acontecimento, também não oferece uma explicação sobre o fogo na igreja:

Eu tenho uma certa dificuldade em dimensionar a fé das pessoas, porque eu não sou uma pessoa de fé. Mas, eu acho que deve ter reforçado, uma vez que a igreja não pegou fogo, a imagem não foi danificada, isso talvez tenha reforçado o imaginário popular, pela fé e aquela espiritualidade protegeu aquele, digamos, local sacro da igreja, do fogo.(ADA).⁴⁶

O relato do Bombeiro Jusinei corrobora com o milagre, já que era o único dos entrevistados que estava no momento do incêndio. Segundo ele sobre o fogo na capela: “O santo é forte. O santo era forte, pode ter certeza que não pegou cara. Não atingiu nada ali.”⁴⁷

Analisando as entrevistas como um todo, é interessante destacar como o credo pessoal de cada um pode influenciar nos discursos, mesmos aqueles que não são religiosos praticantes. A questão das características marcantes da imagem com o trauma do incêndio talvez corroborem com a mistificação do Senhor dos Passos

⁴⁴ FRUTUOSO, Marli. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. São José, 24 de maio de 2017.

⁴⁵ PERUCHI, Rita. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. Florianópolis, 21 de abril de 2017.

⁴⁶ VIEIRA, Ada. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. Florianópolis, 12 de maio de 2017.

⁴⁷ FERREIRA, Jusinei Wilson. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. São José, 21 de abril de 2017.

II.IV Considerações Finais

A imagem ao longo dos tempos esteve em volta de acontecimentos incríveis que não atingiram sendo mantida em perfeito estado. Tais ocorridos agregaram à imagem uma personalidade fruto do imaginário e folclore das pessoas, criando uma mitificação. Como o fato da chegada à “cidadezinha” de Desterro fez com que a comunidade a abraçasse adorando-a. O incêndio a colocou em foco, renovando a fé dos fiéis, além de propagar as duas histórias. Verificou-se com as entrevistas o forte imaginário presente, principalmente na dissipação desta pela história oral passando de geração à geração. Sobre a falta de explicação do incêndio, acredito que seja uma das coisas que mais atraem curiosos para conhecer o Senhor dos Passos. Esse que não é apenas Jesus Cristo nos passos do calvário e sim, um santo popular que está presente “no alto do morro da Boa Vista na pequena capela construída pela dona Joana de Gusmão”. Esta identidade como o santo Senhor dos Passos que recebe tantas promessas e curas costumam ser-lhes atribuídas.

Constata-se que o incêndio por mais devastador que tenha sido criou uma perseverança e resiliência nos seus adeptos que não tiveram dúvida da reconstrução do hospital. Podemos acreditar que essa esperança seja fruto do acontecimento do incêndio que não atingiu a imagem sagrada. Além da reconstrução, uma renovação tanto na fé como no folclore da imagem a colocou em destaque na comunidade cristã, trazendo novos devotos. Realmente podemos perceber que seja indiscutível a formação deste imaginário sobre o Senhor dos Passos, levando do pressuposto destes relatos coletados. E essa devoção ao santo é algo que está em constante transformação tanto na mente do ser religioso como em toda comunidade que compartilha destas histórias incríveis.

Sem dúvida que se forem coletados mais entrevistas tanto de relacionados ao incêndio como é o intuito deste trabalho, como o relato de pessoas da comunidade, vão surgir mais versões da história do incêndio. Esta pesquisa de fato é apenas um vislumbre de um grão de areia sobre o tema, pois as possibilidades são inúmeras com relação a esse imaginário religioso. Talvez esse trabalho corrobore não somente com a história local da cidade e sua religiosidade, mas também com todo o imaginário religioso que esta inserido, pois trabalhou-se transitando entre história oral, memória e religiosidade. Com certeza quem faz toda a história é o ser religioso, dessa forma é nele que se atem a credibilidade e importância das transformações deste folclore que se mistura com imaginário da imagem do Senhor dos

Passos. Dessa forma são inúmeras as possibilidades da mente humana e sem dúvida será creditado a toda história da imagina ainda muitos fatos.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 2016.

ATTWATTER, Donald. **Dicionário dos Santos**. São Paulo: Editora Circulo do livro, 1983.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** . Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A essência das religiões**. São Paulo: Editora Martinsfontes, 2013.

ETZEL, Eduardo. **O barroco no Brasil: psicologia e remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

ETZEL, Eduardo. **Arte sacra popular brasileira: conceito, exemplo, evolução**. São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FARIAS, Vilson Francisco de. **De Portugal ao sul do Brasil – 500 Anos – História, Cultura e Turismo**. Florianópolis: Ed. Do autor, 2001.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2013.

FONTES, Henrique da Silva. **A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital, e Aqueles que os Fundaram**. Edição do Autor, Florianópolis, 1965.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu: Algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

GINZBURG, Carlos. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Editora Companhia brasileira de letras, 2001.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo, Companhia das letras, 1998.

LE GOFF, Jaques. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varaze e a lenda dourada**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2009.

OTT, Carlos. **História das artes plásticas na Bahia (1550-1900)**. Bahia: Alfa gráfica editora, s/d.

PEREIRA, Nereu do Vale org. **Memorial histórico da irmandade do Senhor Jesus dos Passos volume II.** Florianópolis: ministério da cultura, 1998.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2005.

PIANZOLA, Maurice. **Brasil barroco.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

PIO, Fernando. **Imagens, arte sacra e outras histórias.** Recife: Edição do Museu Franciscano de arte sacra, 1977.

SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina.** Florianópolis: ed. Da UFSC, 1997.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval.** Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2014.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo Da imagens: ensaios sobre a cultura visual na idade média.** Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SILVEIRA, Aline Dias da. **O pacto das fadas na Idade média Ibérica.** São Paulo: Annabluma, 2013.

SIGMUND, Freud. **Totem e tabu: Algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos.** Porto Alegre, RS: L&PM pocket, 2015.

VISALLI, Angelita Marques(org.). **Imagens religiosas.** Universidade estadual de Londrina, 2014.

THOMAS, Keith. **Religião e declínio da magina: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII.** São Paulo: Companhia das letras, 1991

Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/folclore/>> Acesso em: 01 de outubro de 2017.

Disponível em: < <http://videos.clicrbs.com.br/sc/diariocatarinense/video/diario-catarinense/2014/04/guardioes-imagem/71898/>.> Acesso em: 08 de outubro de 2017.

FRUTUOSO, Marli. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. São José, 24 de maio de 2017.

PERUCHI, Rita. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. Florianópolis, 21 de abril de 2017.

VIEIRA, Ada. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. Florianópolis, 12 de maio de 2017.

FERREIRA, Jusinei Wilson. Entrevista realizada por Thiago Espíndola. São José, 21 de abril de 2017



48

ANEXO A – IMAGEM SENDO RETIRADA POR DEVOTOS DURANTE O INCÊNDIO

⁴⁸ Fotografia do Senhor dos Passos tirada no dia três de julho de 2016.



49

ANEXO B – PROCISSÃO SENHOR DOS PASSOS 2018

⁴⁹ Imagem de jornal retirada da entrevista televisiva: <http://videos.clicrbs.com.br/sc/diariocatarinense/video/diario-catarinense/2014/04/guardioes-imagem/71898/>. Acesso em 31 de maio de 2018.

6.Cidade NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2018

Editor: DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasodia.com.br



“Eu pedi para o Senhor dos Passos e no ano seguinte fiz toda procissão de pés descalços. Quando apareci diante do médico ele não acreditou.”

Mercedes Bessa, devota, que se curou de um grave problema na coluna

A imagem do Senhor dos Passos carregada pela irmandade. No trajeto, fiéis pedem e agradecem graças

Procissão reúne 40 mil pessoas

Fiéis acompanharam a tradição do Senhor dos Passos pelas ruas centrais de Florianópolis

FÁBIO BISPO
fabio@noticiasodia.com.br

O simbolismo característico da Procissão Senhor dos Passos voltou às ruas de Florianópolis reunindo milhares de fiéis no cortejo que remonta a primeira queda de Jesus Cristo no caminho do calvário. A devoção à imagem do Cristo carregando a cruz é considerada uma das maiores celebrações e mais antiga procissão religiosas do Sul do país, chegando este ano a sua 252ª edição. A celebração teve início no dia 11 de março, com a missa de investidura de novos irmãos, e encerrada com o retorno das imagens de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores à Capela Menino Deus, na tarde de domingo (18), a 15 dias da Páscoa.

O ritual conserva uma das principais atribuições da Irmandade Senhor Jesus dos Passos, criada em 1765 para guardar e proteger a imagem que saiu de Salvador (BA) em uma carga de mercadorias e aportou na então Desterro — antigo nome de Florianópolis. Piza, a lenda que a imagem tinha como destino a cidade de Rio Grande (RS), mas depois de três tentativas de seguir viagem, as más condições de navegação não permitiram que a imagem esculpida em madeira deixasse a cidade. “Não se sabe ao certo a data que a imagem chegou à cidade, mas sabemos a data de fundação da Irmandade, que foi criada justamente para guardá-la”, explicou o historiador e responsável pelo arquivo histórico da Irmandade, André Luis da Silva.

A primeira procissão ocorreu em 1764 e desde então, todos os anos, fiéis aproveitam o momento para fazerem suas preces ou agradecerem pelas graças já alcançadas. “A primeira vez que eu vim ainda era criança, vim com meus padrinhos, desde então sempre venho”, conta Mercedes Bessa, 74. Há 40 anos, ela foi diagnosticada com grave problema de coluna. Segundo conta, os médicos não lhe davam outra opção a não ser usar cadeira de rodas para se locomover. “Eu pedi para o Senhor dos Passos e no ano seguinte fiz toda procissão de pés descalços. Quando apareci diante do médico ele não acreditou”, contou.

Eventos religiosos são repletos de simbolismo. Procissão é uma das mais antigas do Sul do país



Esforço para reconhecimento nacional

Além de proteger a imagem e promover a procissão, a Irmandade também preserva o legado deixado por Joana de Gusmão, beata que idealizou a construção da Capela Menino Deus e que tinha como missão a caridade. Um desses legados é a manutenção do Imperial Hospital de caridade.

A caridade e a ligação com lideranças políticas é marca histórica da Irmandade. Ontem, por exemplo, personagens como o governador do Estado, prefeito e deputados, participaram do cortejo, carregando os principais símbolos da procissão. O pálio, sob o qual estava o arcebispo metropolitano, Dom Wilson, por exemplo, foi carregado pelo comandante da PM, Araújo Gomes, mais sete personagens políticas, incluindo o governador Pinho Moreira (MDB) e o prefeito Gean Laureiro (MDB). Já o andar com a imagem do Senhor dos Passos, contou com a presença do ex-governador e deputado federal Esperidião Amin (PP).

Uma dos esforços é o reconhecimento do evento religioso como bem imaterial nacional, títulos que já foram conquistados em nível estadual e municipal. Técnicos do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) acompanharam ontem o cortejo como modo de aferir o impacto da procissão na cidade.

ANEXO C – MANCHETE NO JORNAL SOBRE O INCÊNDIO EM 1994

⁵⁰ Matéria do jornal Notícias do dia de segunda-feira dezanove de março de 2018.



⁵¹ Imagem retirada do livro: PEREIRA, Nereu do Vale org. Memorial histórico da irmandade do Senhor Jesus dos Passos volume II. Florianópolis: ministério da cultura, 1998. P.311.

ANEXO D – ENTREVISTAS SOBRE O INCÊNDIO EM 1994

Entrevista Ada Vieira

Qual seu nome, idade e endereço?

- Meu nome é Ada Vieira, tenho 55 anos e moro no centro de Florianópolis.

Qual sua ligação com o Hospital de Caridade?

- Eu sou médica e interna no hospital. Fiz residência lá e atualmente interno pacientes.

Qual o ano que você entrou, lembra?

- 1984.

Qual sua religião?

- Minha religião, sou agnóstica.

Conhece a história da Imagem do Senhor dos Passos? A chegada dela?

- Não conheço.

O que a imagem do Senhor dos Passos representa pra você?

- Pra mim particularmente nada que não seja de cunho histórico. Ela não representa uma imagem espiritual, ela representa uma imagem histórica que tá lá já há muito tempo e que faz parte da procissão. Mas, do ponto de vista religioso, nada.

Qual a importância da Irmandade do Senhor dos Passos pra comunidade cristã de Florianópolis? O que você acha?

- Eu acho que a Irmandade, ela tenta suportar ao longo de muitos anos as dificuldades que o hospital passa frente a problemas materiais, de ordem técnica. Então, tem uma comunidade que apoia com serviço voluntário, tudo fica mais fácil, porque a irmandade dá esse apoio por trás, como se fosse os bastidores de um hospital de cunho técnico.

Fale sobre os eventos ocorridos no incêndio.

- Na época do incêndio eu não estava dentro do hospital, eu saí de plantão, tinha ido pra academia e na academia, pela janela da academia eu vi, tinha a tv ligada, fiquei sabendo da notícia e na janela a gente via fumaça. Eu saí dali, fui para o

hospital, os bombeiros já estavam lá, eu tinha um paciente internado, foi retirado pela janela pelos bombeiros. A emoção maior, o sentimento maior é o respaldo, quando já tava, o fogo já tava apagado e a gente via a imensa destruição daquele local que a gente frequentava todo dia.

Quais as mudanças que você identifica na fé das pessoas depois do incêndio?

- Eu tenho uma certa dificuldade em dimensionar a fé das pessoas porque eu não sou uma pessoa de fé. Mas, eu acho que deve ter reforçado, uma vez que a igreja não pegou fogo, a imagem não foi danificada, isso talvez tenha reforçado o imaginário popular, pela fé e aquela espiritualidade protegeu aquele, digamos, local sacro da igreja, fogo.

E o que você acha desses episódios de não ter pego fogo?

- A igreja ela, tirando os bancos, tinha muita pouca coisa de madeira. A imagem do Senhor dos Passos estava em uma urna de vidro. Então, estouraria e ainda sim demoraria pra pegar fogo. Ela tava muito protegida, então por isso ela não pegou fogo.

Você ainda tem ligação com o Senhor dos Passos?

- Com o Senhor dos Passos não. Apenas com a parte técnica do hospital.

Frequenta procissão ou missa na Capela?

- Não.

Mais alguma coisa pra falar sobre o incêndio? Alguma coisa que lembre assim, alguma coisa?

- Tem um episódio que eu gosto muito de lembrar, mais ou menos uma três semanas após o incêndio, todos os médicos do hospital (mesmo aqueles que estavam em férias) foram convocados pra uma reunião. E ao estarmos no auditório, o diretor do hospital trancou a porta e pegou a chave, levou lá pra frente e disse que nenhum médico sairia dali sem antes deixar um donativo pra reerguer o hospital. Não importava quanto, mas nenhum médico poderia sair sem contribuir pra reconstrução do hospital. E todos os médicos contribuíram por ligação afetiva com o hospital.

Entrevista Jucinei Wilson Ferreira

Qual o seu nome?

- Jucinei Wilson Ferreira

Idade e endereço?

- Tenho 44 anos e moro na Rua José Fernandes Garcia, número 43 - Bairro Aririú - Palhoça.

Qual sua ligação com o Hospital de Caridade?

- A minha ligação foi, eu já fui internado no Hospital de Caridade em 94. Fiz uma cirurgia lá da clavícula, sofri um acidente de moto e eu conheci o hospital devido à cirurgia que eu fiz. Depois eu atendi o incêndio que foi de grande proporção no Hospital de Caridade.

Qual sua religião?

- Católico.

Tu conheces a história da imagem do Senhor dos Passos?

- Vagamente, eu conheço bem pouco. O que eu sei é o seguinte, foi traduzida na verdade ela não foi trazida pra Florianópolis. Pararam aqui pra descansar ou pra fazer alguma coisa e ia seguir pro Rio Grande do Sul só que daí, com o tempo ruim, tentaram uma ou duas vezes levar ela e como o tempo tava bom e derrepente piorava, aí eles desistiram e deixaram ela aqui. É isso que eu sei, não sei se realmente é o que procede.

O que a imagem do Senhor dos Passos representa pra você?

- Bom pra mim, eu não sou devoto do Senhor dos Passos. Eu respeito, mas não sou devoto.

Qual a importância da irmandade pra comunidade cristã de Florianópolis?

- Pra comunidade é importante, tem aquela procissão do Senhor dos Passos e tal. Mas a irmandade em si que cuidava e administrava o hospital eu acho que é mais capitalista.

Fala sobre os eventos que ocorreram no incêndio.

- Bom no incêndio eu tava de serviço nesse dia, eu lembro que a gente (eu tava lá no bombeiro do centro), eu cheguei e acionaram o alarme e a gente foi. Foi Acionado o alarme pra uma ocorrência de incêndio ao lado do Hospital de Caridade, quando falaram isso. Aí eu peguei e saí, eu trabalhava de motorista

como oficial de dia, que sempre tem um oficial que fica trabalhando e a gente saiu pra atender essa ocorrência. Quando chegamos lá, a gente se deparou que realmente tava pegando fogo no Hospital de Caridade. Olhando de frente pro Hospital, o incêndio começou do lado esquerdo da Capela, na hora que eu cheguei foi bem no início, eu cheguei a subir aonde iniciou o fogo. O fogo começou no teto e tava descendo em cima das camas mas, naquela sala que pegou fogo não tinha mais ninguém e até me chamou a atenção que tinha uma imagem de um santo que eu não lembro qual era em um canto. Quando eu olhei a imagem do santo ela caiu, e quebrou, daí eu "opa" "se o santo já caiu, tá na hora de eu cair fora também". Porque antigamente a gente não tinha o EPI. O EPI nosso hoje é, nosso equipamento de proteção individual hoje é, a gente tem uma bota especial, uma calça, jaqueta, capacete, uma balaclava que é uma touca, luva. Antigamente a gente combatia com um macacão, tinha uma capacetinho que era um quebra telha, só isso, nada mais. E era a cara e a coragem. E então eu saí dali, e dei a volta por trás do hospital. Os primeiros caminhões conseguiram subir, e tinha muitas pessoas que tinham acabado de fazer a cirurgia. E eles queriam descer. Eles estavam no segundo piso, a gente colocou uma escada e tiramos um monte lá de cima. E o fogo até uma hora deu uma diminuída, só que daí como os outros caminhões não conseguiram subir, porque toda vez que um caminhão subia, ele tem um ladrão de água, pra ele não forçar o caminhão a água extravasa dali e molhou a pista, como ela era aquele paralelepípedo aí os outros caminhões patinavam e não conseguiam subir. Aí foi aonde, pode-se dizer que o incêndio fugiu do controle. Aí o incêndio voltou e quando voltou, voltou com tudo.

E o fogo na Capela?

- Cara, foi interessante porque o fogo pegou em todo o hospital, pegou do lado direito da Capela olhando de frente e não pegou na Capela. Isso eu vi certeza. Porque começou do lado esquerdo olhando de frente pro hospital, da estrada pro hospital. E deu a volta, pegou o lado direito, até onde fizeram um memorial ali agora, ali pegou fogo e na capela não pegou fogo.

E porque que tu acha que não pegou fogo?

- O santo é forte. O santo era forte, pode ter certeza que não pegou cara. Não atingiu nada ali.

Não tem uma explicação?

- Não tem uma explicação. E foi uma coisa que chamou bem a atenção também e tu vê que pegou fogo no hospital todo. Eu cheguei ali era quinze pra meia noite, não lembro o dia, era um dia de semana. Eu saí no outro dia quinze pras nove da noite. A gente ficou trabalhando.

Qual foi o teu sentimento ao saber do incêndio?

- É triste né. Um incêndio no hospital, bem triste. E morreu bastante gente né. Ajudei a tirar alguma pessoas que morreram. Até me recordo bem de uma pessoa que morreu na cama, ela não tinha uma perna, tinha sido amputado uma perna e ela morreu na cama. Eu ajudei a tirar ela lá de dentro do hospital. Dizem que morreu nove né. Mas eu acho que morreu mais, não sei.

Eu acho que duas não foram identificadas.

- É, eu acho que morreu mais.

Até eu entrevistei a enfermeira que identificou essa senhora que não tinha perna.

- Era uma mulher? Na época, no dia, eu não cheguei... A gente só pegou e tirou, de um lado pro outro.

E tu tem alguma ligação com o Senhor dos Passos? Frequenta a procissão ou a missa?

- Não, não. Nunca fui. Nunca fui na igreja lá, assistir uma missa. Nunca tive a oportunidade e também eu moro longe né, moro na Palhoça, meio complicado. Mas eu acredito no santo, mas não sou devoto, como te falei.

É interessante essa parte do incêndio não ter pego na capela né?

- Foi bem. Pegou por toda a volta. Material que tinha ali pra pegar fogo era super fácil.

E as pessoas ajudaram também né?

- Sim, muitas pessoas ajudaram, bastante ajudaram. Mas também teves muitos que se aproveitaram. Entravam, carregavam computador, naquela época era bem difícil ter computador, mas tinha. Tv, alguns carregaram realmente, tiravam de lá e colocavam em outro lugar. Mas, aquele pessoal que morava ali atrás, a polícia chegou e eles estavam carregando coisas pra casa deles. Eu sei porque depois eu fui lá atrás e vi, eles chegaram a deter algumas pessoas ainda.

Tem mais alguma coisa que tu lembra, assim do incêndio, do santo, alguma coisa que te marcou?

- O que me marcou foi o santo, eu não lembro qual era o santo, entendeu? Que caiu, porque foi bem aonde começou o fogo. Começou naquela ala e começou no teto. Isso aí eu tenho certeza. Aí aquela santo caiu e eu disse: " se o santo caiu, tá na hora de sair". Aquilo ali me chamou bastante atenção.

Entrevista Marli Domingas Frutuoso

Qual seu nome, idade e endereço?

- Marli Domingas Frutuoso. Tenho 63 anos e moro na Rua Lindolfo Jasper - 144, Roçado, São José.

Qual sua ligação com o Hospital de Caridade?

- Meu pai trabalho lá se não me engano foi no ano de 63 e em julho de 74 comecei a trabalhar lá. Me aposentei com 30 de serviço.

A senhora lembra o ano que se aposentou?

- 2002.

Qual sua religião?

- Católica.

A senhora conhece a história da imagem do Senhor dos Passos?

- Sim, conheço. A imagem ficou no hospital pra seguir viagem no outro dia e ao seguir viagem a imagem voltava ao sentido contrário, sentido ao hospital. E eles entenderam que a imagem queria ficar no hospital.

O que a imagem do Senhor dos Passos representa pra senhora?

- Representa muita fé, esperança e cura.

Qual a importância da Irmandade do Senhor dos Passos pra comunidade cristã de Florianópolis? O que a senhora acha?

- A importância se manifesta na procissão, milhares de pessoas pagam promessas, rezando e acompanhando a procissão. E é muita devoção com o santo.

E a senhora vê alguma cura ou algo assim que foi atribuído a imagem?

- Sim. Durante a procissão muita gente pagando a promessa que teve êxito na promessa.

Fale sobre os eventos ocorridos no incêndio.

- Eu fui avisada pela amiga Lu na madrugada que o hospital havia pegado fogo. Entrei em desespero pensando nos pacientes e nos funcionários. amigos da gente que lá trabalhavam.

A senhora trabalhou no dia?

- Foi de madrugada. Eu tava em casa mas em seguida eu trabalhei.

Qual foi o sentimento da senhora ao saber do incêndio?

- Ah foi de muita tristeza. Pensei logo nos pacientes ao imaginar que a tragédia

poderia causar e também que lá estavam trabalhando e também os pacientes. Fiquei muito preocupada.

Quais mudanças que a senhora identifica na fé das pessoas após o incêndio?

- Eu acho que a fé das pessoas ao saber do incêndio ficou mais forte. Porque o fogo pegou no hospital e o santo não atingiu nada, o fogo não chegou no santo.

E por quê que a senhora acha que não pegou fogo no santo?

- É um santo que é considerado poderoso né. Todo mundo tem fé nele, e é um santo que realmente faz muito milagre né. Ele tem poder.

E a senhora ainda tem ligação com o Senhor dos Passos?

- Sim, eu sempre visito os amigos, vou na capela, ainda rezo lá.

A senhora frequenta a procissão e a missa então?

- Sim.

Entrevista Rita Peruchi

Qual o seu nome?

- Rita Peruchi

Qual sua idade e endereço?

- 54 anos e moro aqui em Florianópolis a mais de 30 anos. Eu sou de Criciúma né, na Avenida Prefeito Osmar Cunha, 36 apto 1201.

Qual sua ligação com o Hospital de Caridade?

- Eu trabalhei lá 24 anos. Então foi o meu segundo emprego na vida e eu fiquei lá 24 anos trabalhando, comecei como enfermeira e depois passei a administrar o hospital. E nesse percurso da vida lá dentro eu fiz a faculdade de direito e administração e uma MBA em gestão hospitalar.

Qual sua religião?

- Católica.

Conhece a história da Imagem do Senhor Jesus dos Passos?

- Sim, conheço.

Consegue

descrever?

- Assim, quando eu comecei a trabalhar, o tempo que eu fiquei acho que uns ... em 97/98, depois do incêndio em 97 eu entrei pra irmandade. Entrei por vontade própria. E aí, eu comecei a me interessar em ajudar na procissão, porque fazia parte. Eu acho que se você se propõe a entrar numa associação, você tem que se dar um pouco de trabalho voluntário. Aí eu disse, bom, trabalhar no hospital é a minha profissão, e cuidar/ajudar a fazer a procissão que é pro povo é uma obrigação como eu tava na irmandade como voluntária. Então, eu conheci bem a história por causa do hospital e toda a ligação que tem da irmandade com o hospital, com a imagem que chegou aqui em Santa Catarina, aí eu comecei a estudar um pouco pra conhecer. Pra dar entrevista e tudo tu precisava saber sobre a história e até porque quando um funcionário era admitido no hospital, eu tinha que saber a história. Então eu que contava pra eles, né. Que a irmandade é uma associação e essa imagem chegou aqui, eles se reuniam na época, algumas pessoas. Como lá, quando ela veio da Bahia já tinha, lá eles faziam essa procissão, já tinha uma cultura religiosa de preservação da imagem, eles foram em busca pra saber e, como foi por vontade divina dessa imagem ficar em Florianópolis eles se interessaram em formar a irmandade pra cuidar da imagem. Zelar pela imagem do Senhor dos Passos. Aí começou, a associação foi crescendo, esta

capelinha a Joana de Gusmão que montou. Aí as pessoas chegavam de navio, eram doentes, não tinham pra onde ir, ficavam ali. Daí essas pessoas ficavam boa da saúde e ajudavam a cuidar das outras que vinham e não tinham pra onde ir e essa história foi crescendo. Depois, porque quem chegou primeiro foi a Joana, daí depois que veio a imagem do Senhor dos Passos e segundo a história né, que tá escrita, ela, tiveram três tentativas de levar ela, porque o destino dela era na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. E não conseguiram, cada vez que eles tiravam a Imagem daquela capelinha que tinha ali, a Joana que criou aquela capela bem pequenininha né, não é a estrutura que tá hoje, só metade. Eles, vinham um temporal e ele não conseguiam tirar a imagem e aí até tem uma ligação com a história do Senhor dos Passos com o tempo, que parece que só teve duas procissões em 251 anos que essa imagem tá aqui que choveu. E domingo, bem na hora que a imagem tava na frente da Catedral, parou a chuva. Então é uma história assim muito bonita de fé, de amor, de gratidão que o povo tem com a imagem. E aí, parou a chuva, veio o sol, tiraram a capa da imagem e duas vezes só que ele pegou chuva no caminho. Então acho que isso é uma coisa que ele tem com a chuva, porque tantas vezes que, três vezes que ele tentou e a chuva não deixou que é aqui que ele queria ficar, foi por vontade divina né, sei lá. Tem alguma explicação, porque era pra ficar aqui né, na cidade. E aí essa história, lá eles faziam procissão, vinham os irmãos com os balandraus, as irmãs com a fita, aí tinha que zelar por essa imagem né. Quatro ou cinco pessoas se reuniram e começaram a criar uma associação, uma associação sem fins lucrativos. E foram indo, daí essa associação cresceu, outras pessoas da sociedade se integraram e aí formou a Irmandade e eles tiveram que fazer um estatuto pra poder organizar toda a instituição, que daí era o hospital e foi crescendo como instituição hospitalar e a imagem que tinha que preservar. A procissão do Senhor dos Passos ela acontece 15 dias antes da páscoa, é uma tradição, uma cultura já. Então esses 15 dias antes é preparado, feito tudo isso, e a nossa Senhora das Dores eu não sei contar bem, mas eu acho que como é a mãe de Jesus, ela veio e foi em algum lugar, porque a imagem/a procissão mesmo, é voltada pra Imagem do Senhor dos Passos.

E que ano tu começou a trabalhar no Hospital?

- Em 1991. Em fevereiro de 91. E o incêndio foi em 94.

E o que a Imagem dos Senhor dos Passos representa pra você?

- Gratidão, fé, esperança, amor. Não tem outra palavra. As pessoas tem fé, acreditam, gratidão tu busca, esperança.

E qual a importância da Imagem pra comunidade aqui de Florianópolis?

- Eu acho que também. O povo ainda acredita, tem fé e é nessa imagem que todo mundo pede e nesse dia da procissão eles agradecem. Vão lá cumprir suas promessas, vão lá agradecer, por mais um ano de vida. Eu acho que é a esperança do povo. A fé, a gratidão, e representa muito né, porque é Jesus. É Jesus que morreu na cruz e saí pela cidade, todo mundo acompanha em agradecimento. Eu acho que o povo tem muita fé ainda. Esperança.

E tinha bastante gente na procissão?

- Nessa tinham um pouco menos. Mas teve anos que eu 60 mil. Com a chuva, com tudo, as pessoas. Muito pouco jovem participa, agora até tá começando mais jovens. Mas os jovens, eu vejo muito assim, se desligaram da igreja, das pessoas, por educação, que é cultura né. Se a tua família frequenta e passa isso pros filhos, é berço né, tu vem com isso e vai passando. Hoje muita gente se desligou disso ali, então, Florianópolis também mudou um pouco, não é só o povo de Florianópolis que vem na procissão, vem gente do estado todo. Muita gente de fora. E eu acredito que o jovem tá deixando um pouco assim de acreditar, de ter fé, por isso tem tanta violência, tanta coisa né. Mas, os idosos pelo devido tempo, eu acho que por chuva, tudo e doença ficam tristes por não poder estar. Porque a procissão tem que ser renovada. Tem que começar jovem pra não deixar morrer. Porque se não daqui a pouquinho os idosos vão indo e os jovens não. Se for olhar bem, não tinha 200 jovens. O resto era adulto, pessoas de mais idade ou mais diferente né. Então não participavam. Eu fico com pena porque não podemos deixar morrer uma história que faz uma cidade né. A cidade de Florianópolis, a Irmandade representa a imagem, representa bastante, marca bastante na cidade né, é uma coisa que marca né. Um símbolo da cidade.

Falar sobre os eventos que aconteceram no incêndio.

- Eu era enfermeira da Ala Senhor dos Passos, então eu não tava no comando do hospital, eu era só chefia de uma unidade. E eu acho que no dia eu fiquei bem ruim de saúde, a tarde eu não trabalhei. Mas na minha ala que começou o

incêndio. Eu vim embora mais cedo até, mas todos os dias de manhã eu chamava o electricista porque dava curto quando os pacientes iam tomar banho, a instalação do hospital era muito precária. Tudo antigo e um hospital muito antigo, então aquilo desarmava os disjuntores quando paciente ia tomar banho. E foi crescendo né, era uma época que o hospital não era muito grande, então ele foi crescendo e foi colocando vários serviços, com energia e fiação ruim. Porque tinham outros interesses né, e o hospital ficava crescendo e crescendo muito. Tava assim, a todo vapor né. Serviços aumentando. E aí naquele dia eu lembro que eu vi embora mais cedo porque eu não estava bem de saúde, e a noite fui dormir que eu tava muito mal e eu escutava sirene e disse assim: "ué?" e continuei dormindo, nem levantei nada. Daí de manhã, umas cinco horas da manhã, eu começava as sete, eu levantei e me arrumei. Daí o porteiro do prédio falou assim: "O Rita, tu vai trabalhar?". Daí eu falei: "Vou!". Daí ele: " Mas o teu hospital pegou fogo!". Aí eu "ah! de certo queimou uma janela." Não acreditar, imagina, pegou fogo. Daí saí e fui andando, porque é aqui perto. Aí eu cheguei na frente do Tribunal de Contas e deu um choque. Cadê o hospital? Foi. E aquilo foi me chocando. Vou subir. Daí eles não deixavam subir. Mas aí eu disse: " Tenho que fazer alguma coisa!". Eu acho que estava em estado de choque com aquilo tudo queimado. Na minha ala não existia mais nada e eu tinha 29 pacientes. Era a maior ala e todo mundo com câncer. Aí eu disse "Meu Deus, morreu todo mundo, né". Então a minha história começou dali em diante. Até o momento de resgatar as pessoas eu não vi nada, não presenciei nada. Daí naquele momento eu comecei a ajudar, entrei no hospital, fui com o corpo de bombeiros. Tinha uma paciente que era a mãe de duas funcionárias do hospital, ela era diabética e ela não tinha as duas pernas. Então morreu nove pacientes todos da minha ala. E eu cheguei no quarto, ela tava deitada na cama, porque tinha pegado fogo e com as pernas cortadas, os funcionários não conseguiram entrar mais pra tirar os pacientes, ela morreu. Ela tava na cama e quando a gente tocava ela se desmanchava. Então daquele momento que eu entrei no hospital, com o Corpo de Bombeiros, eu eles deixaram porque eu era da ala que mais tinha morrido paciente, e aí comecei a me envolver porque eu sabia aonde era o câncer. A gente identificava o paciente pelo tumor, na época, o tumor ele não desmancha, ele fica ali. O tumor foi cérebro, por exemplo, na cabeça, você identificava, ou era na próstata, na coluna. Então

identificava o paciente por isso, porque não tinha mais documento , não tinha mais nada. E foi acho que só um ou dois pacientes que a gente não conseguiu identificar, o resto todos a gente identificou no IML, pro familiar levar pelo menos as cinzas. Então, aquilo me chocou muito, toda essa história. Mexeu muito. Eu chorava muito. "Não pode ser verdade!". E foi bem triste, muito triste.

Quais as mudanças que você identifica na fé das pessoas sobre a imagem Depois do incêndio?

- Eu acho que fé todo mundo teve assim. Tem né, na imagem. Mas eu acho que mais porque não pegou fogo. Queimou parte da capela e a imagem protegeu, então as pessoas acreditaram mais ainda que o Senhor dos Passos é milagroso. Tinha acabado de acontecer a procissão naquela semana. Foi em seguida. E a imagem ainda estava em baixo. E aí tinha água benta que distribui pra comunidade, daí eles pegaram um balde de água e começaram jogar aonde tinha fogo. Então tá lá a viga que queimou assim, começou a queimar a viga da capela e eles jogaram água apagou. Quem sabe da história realmente, pra nós é um milagre. Não pegar fogo, ele proteger não deixar o hospital todo. Acho que o Senhor dos Passos protegeu muito aquela casa. E ele nessa hora, pela fé a gente acredita e imagina que seja que foi ele que protegeu. E as pessoas mais antigas, os jovens não porque não sabem da história - porque se não contar nunca vão saber e também o jovem pouco se interessa por essa história-, então os mais antigos que viveram isso, a cidade toda se comoveu. O mundo todo, tinha uma irmã que morava nos EUA, lá ela ficou sabendo, então isso marcou pra muita gente. Quem tinha parente ou algum familiar internado também ficou marcado na história. Isso ficou registrado na memória das pessoas e nunca vai passar. As pessoas acho que depois do incêndio, acreditam mais ainda que ele é milagroso. Porque realmente pra nós foi um milagre. Não queimar mais do hospital pela intensidade que foi. O prejuízo foi muito pouco até, podia ter destruído tudo aquilo lá. É muito produto químico, tinha muito torpedo de oxigênio, então tudo aquilo explodia e aquilo é fogo. Álcool, hospital tem muito álcool.

E tu acha que essa história da imagem não ter pego fogo todo mundo ficou sabendo né, aqui na cidade ...

- Eu acho que as pessoas começaram a acreditar mais ainda sim, que ele é milagroso, que ele pode ajudar e que tem que ter fé. Isso, os antigos que

vivenciaram acredito muito que foi um milagre. Só quem vê/viu a viga queimada lá em cima dele imagina que só um milagre.

E as pessoas que ajudaram a tirar foi muita gente da comunidade ali né?
- É. Não, daí ele, tinham medo que podia continuar e queimar essa imagem, que jamais pode deixar destruir uma imagem que é uma história né. Tá na memória das pessoas a mais de 200 anos. E eu acho que a imagem já tinha chegado aqui em 1964, que começou a primeira procissão, mas a imagem chegou aqui em 1762 porque dois anos depois que começou a procissão. Que até formar a irmandade, formar toda a história, se preparar pra receber. Foi aonde começou a procissão em 1764. O hospital é de 1794. O hospital tem 226 anos se não me engano. E aí a procissão demorou um pouco pra começar e ter toda essa montagem de toda a história né. Quando o fogo tava na capela já, a comunidade já tinha ajudado a tirar os pacientes do hospital, eles vieram tiraram a imagem e levaram ali no SESC, foi a comunidade que levou. Muitas pessoas do morro ajudou. A maioria.

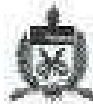
Você ainda tem ligação com a Irmandade Senhor dos Passos?
- Tenho. Freqüento, faço parte, sou da Irmandade e ajudo. Espero enquanto estiver viva e estiver em Florianópolis sempre participar, ajudar. Esse ano que eu não tive muita envolvimento por problemas de saúde e também queria deixar pros outros trabalhar. Acho que a gente tem que saber o seu limite. Mas ano que vem eu continuo ajudando. Sempre ajudei, sempre participo. Se eu sou da Irmandade, eu sou voluntária da irmandade eu tenho que saber que tenho os meus compromissos né.

Então todo ano tu vai na procissão?

- Todo ano. Já vai fazer 18 anos que eu participo.

E missa na capela você vai?

- De vez em quando. Antes eu ia mais, agora não com tanta frequência, mas vou. Rezar, agradecer. Tem muita gente que em Florianópolis aqui que ninguém sabe, mas o Leonaldo Koerich vai uma vez por semana de manhã sete/oito horas da manhã, fica lá uma hora rezando. Bastante gente faz isso.



Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Curso de Graduação em História

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às 10 horas e 30 minutos, Meridianum, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof^o. Dr^a. Aline Dias da Silveira (Orientador(a) e Presidente); Prof^o. Dr^a. Janine Gomes da Silva (Titular); Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 24/HST/CFH/2018, a fim de arguirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do Acadêmico Thiago Espíndola, intitulado: "Formação do imaginário do Senhor Jesus dos Passos em Florianópolis". Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o Acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof^o. Dr^a. Aline Dias da Silveira, nota 6, Prof^o. Dr^a. Janine Gomes da Silva, nota 6, Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos, nota 6, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 6. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de julho de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 28 de junho de 2018

Aline Dias da Silveira

Prof^o. Dr^a. Aline Dias da Silveira (Orientador(a))

Janine Gomes da Silva

Prof^o. Dr^a. Janine Gomes da Silva (Titular)

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos (Suplente)

Thiago Espíndola

Thiago Espíndola (Acadêmico)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Thiago Espíndola matrícula n.º 12201579 entregou a versão final de seu TCC cujo título é **FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DO SENHOR JESUS DOS PASSOS EM FLORIANÓPOLIS** com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 06 de julho de 2018.:

Aline Dias da Lira
Orientador(a)